



Leandro Figueiredo

## CONFLUÊNCIA E IDENTIDADE

### João Jarbas Damasceno

*Bioquímico e farmacêutico. Foi vencedor, por dois anos consecutivos, do Concurso de Poesias promovido pela Universidade Federal de São João del-Rei. Participou do Concurso Raimundo Corrêa, no Rio de Janeiro, tendo seu poema publicado no livro Poetas brasileiros de hoje.*

Havia um monjolo  
e uma cuba de melado  
e a picumã sempre  
suspensa nos caibros da cozinha.  
Os melros navegavam numa tarde em unísono  
em demanda dos arrozais  
ou dos bambuzeiros.  
Os insetos na várzea cantavam infinitos  
e as cigarras no arvoredado próximo.  
Tudo desafiava em conjunto.  
E havia uma inconsistência de haver.  
Havia um mundo num estalo  
e muitas luzes que espocariam  
e queimariam retinas  
e ar insuflado aos pulmões.  
De quanta forma, quanta cor,  
que matéria, tempo  
há a essência do camaleão,  
senão a aliada natureza; e face sua.

Nesta terra se poderia ser uma pedra,  
um caule de araucana,  
um banjo sonoro,  
uma cascata enluarada,  
um tacho de cobre,  
uma corda de sisal,  
um chapéu cigano,  
um cacho tenro no parreiral,  
sem de si em nada divergir Esse dia não amanheceu silencioso,  
ném houve-se, peixe, neste dia  
ou a dormir num degelo morno de cianofícias.

Um leão devorava um cervo nessa hora,  
uma cobra atraía um sapo a tempo e passo,  
os cupins erguiam um cupineiro nesta terra  
de lavra e plantio ou colheita,  
um caracol em inconsciente sossego  
tecia seu manto, quase casual,  
a aranha devorava diligente uma mosca caída na teia.  
E o vento torrencial soprava suave a copa das árvores  
naquele contexto de abril.

Havia combate à espera,  
nos campos, nas ruas, nos mares,  
nos escritórios, nos teatros, nos fóruns, nas alcovas, nos  
tribunais.  
Nos lugares que não suspeitava que houvessem em si.  
E um farol devido inalcançável.

Haveria o fogo, o ar, a água, a terra,  
a pedra, o aço, o céu  
para incompreender e sentir.

Haveria as espadas e os beijos,  
as rosas e os laços.  
Uma tulipa negra túrgida,  
uma inerte bailarina de arruinado mimo.  
E uma renda tênue diáfana,  
em abandono no chão.

Haveria tantas falas,  
tantas faces diversas.  
Universo, mundo.  
E essa terra  
como um lobo prateado de olhos em chama  
na escuridão.  
Ou como um dilúvio de verdes e raízes,  
um mar de poeira,  
um encanto de sonho e polvilho, grão e minério.

Haveria uma atmosfera voraz  
de neve, lava, coriscos, avalanches  
e relvas que medrariam silenciosas em entrelaçamentos.  
haveria toda têmpera urdida absconsa  
de todos os elementos da natureza.  
Mas sobretudo esse caminho haveria  
de ser insuficiente para a vida  
e absoluto para a morte.  
Entrementes n'algum tempo,  
tudo se poderia;  
a chuva, o vento, a terra própria, a nevasca e o abrasar do  
sol.  
Foi um abril, que me viu nascer.